

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA: UMA DÍVIDA IMPAGÁVEL

NETO, Alberto Pucheu¹

RESUMO: Este texto foi escrito como resposta ao generoso convite de Joelma Santana Siqueira para que eu desse uma palestra na Universidade Federal de Viçosa, sobre Fernando Ferreira de Loanda, poeta e editor tanto da revista quanto da editora Orfeu, que publicou uma parte significativa da geração de 45, estudada por ela, de quem eu fora amigo nos últimos 10 anos de sua vida, tendo feito, com Sergio Cohn, uma entrevista com ele e uma antologia de seus poemas, publicadas na revista *Azougue* em 2003, um ano após a morte do poeta. Em um tom ao mesmo tempo autobiográfico e ensaístico, trago à tona algo de minha relação com Loanda e de minha admiração por ele, momentos de um diálogo poético que, de diversos modos, realizei com sua poesia, uma rápida recepção de sua poesia por Leonardo Gandolfi em um poema inédito, diferenciações entre ele e Domingos Carvalho da Silva (poeta, principal organizador do I Congresso Paulista de Poesia e editor da *Revista Brasileira de Poesia*, outro núcleo da mesma geração), caracterizações gerais de tal geração e uma leitura crítica do poema “Kuala Lumpur”, presente em livro homônimo de 1991.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Ferreira de Loanda; *Kuala Lumpur*; Geração de 1945; Domingos Carvalho da Silva; poesia.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA: A PRICELESS DEBT

ABSTRACT: This text was written as a response to Joelma Santana Siqueira's generous invitation for me to give a lecture at the Federal University of Viçosa, on Fernando Ferreira de Loanda, poet and editor of both Orfeu, the magazine and the publishing house, which published a significant part of the generation of 45. The poet, studied by her, was my friend for the last 10 years of his life and, with Sergio Cohn, we have made an interview with him and an anthology of his poems, published in the *Azougue* magazine in 2003, a year after the death of the poet. In a tone that is both autobiographical and essayistic, I bring to light something of my relationship with Loanda and my admiration for him, moments of a

¹ Alberto Pucheu é poeta e professor de Teoria Literária do Departamento e do PPG em Letras (Ciência da Literatura) da UFRJ. Pesquisador do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. apucheu@gmail.com.

poetic dialogue that, in different ways, I carried out with his poetry, a quick reception of his poetry by Leonardo Gandolfi in an unpublished poem, differences between Loanda and Domingos Carvalho da Silva (poet, the main organizer of the I Congresso Paulista de Poesia and editor of the Revista Brasileira de Poesia, another nucleus of the same generation), general characterizations of that generation and a critical reading of the poem “Kuala Lumpur”, present in the homonymous book from 1991.

KEYWORDS: Fernando Ferreira de Loanda; *Kuala Lumpur*; generation of 1945; Domingos Carvalho da Silva; poetry.

“digo pão, tenho fome; poesia, muitas fomes”
(Fernando Ferreira de Loanda, “Ode para Walt Whitman ou Efraín Huerta”)

Estou aqui graças à generosidade da professora Joelma Santana Siqueira que, pesquisando de modo abrangente a chamada Geração de 45 e, de maneira específica, Fernando Ferreira de Loanda, tendo lido uma entrevista e uma antologia que Sergio Cohn e eu fizemos com o poeta para o número da revista *Azougue* publicado em 2003, convidou-me para falar dele. Não havendo nenhum texto crítico sobre Loanda no Brasil, o ainda inédito da Joelma é o primeiro estudo relevante sobre o poeta, que foi editor da revista e da editora Orfeu, dois dos núcleos de publicação de um dos grupos dos poetas mencionados. Sobre o Loanda editor, valem ser lidas as palavras de Lêdo Ivo na apresentação “Silêncio e rumor” a *Kuala Lumpur*:

À sua condição pessoal de poeta, Fernando Ferreira de Loanda acrescentou a de editor e empresário poético e cultural, enriquecendo a poesia brasileira deste século com o nítido propósito de ruptura estética presente na revista *Orfeu*, por ele fundada em 1947, e na edição de livros de poemas e das primorosas antologias *Panorama da Nova Poesia Brasileira* (1951), *Antologia da Nova Poesia Brasileira* (1965) e *Antologia da Moderna Poesia Brasileira* (1967).

Graças a essa atuação editorial que abarcou quase vinte anos, toda uma nova geração poética se revelou: editor de poesia, coube-lhe lançar praticamente quase todos os seus companheiros. Foi ele o primeiro editor comercial de João Cabral de Melo Neto, ao apresentar, nos *Poemas Reunidos* (1954), uma obra então rara. E a esse nome consular, acrescentemos os de

Afonso Félix de Sousa, Darcy Damasceno, Nilo Aparecida Pinto, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Marly de Oliveira, Octávio Mora, Marcos Konder Reis, Domingos Carvalho da Silva, Walmir Ayala, Gilberto Mendonça Teles, Stela Leonardos e tantos outros que constituem a chamada ‘geração de 45’” (*apud* LOANDA, 1991, p. 13-14).

Se, no que tange a uma reflexão sobre o que foi a chamada Geração de 45, o ensaio de Joelma lida com o que historicamente ficou constituído por uma exclusão para ver o que hoje é passível de ser repensado, no que diz respeito a Loanda, o texto “Fernando Ferreira de Loanda, poeta da geração de 45” é pioneiro, porque, até quando outros escritos sobre aquele momento o mencionam, é enquanto editor, jamais como poeta.

A importância do texto de Joelma me parece recair em duas vertentes: 1. ao recuperar o momento polêmico de surgimento de tais poetas que mantinham relações diversas – e conflituosas entre si – tanto com aqueles que estabeleceram a Semana de Arte Moderna quanto com os que, a partir de 1930, desdobraram as conquistas de 1922 em incalculadas possibilidades, o ensaio de Joelma, através de pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, nos oferta textos de Loanda publicados na imprensa, há muito, negligenciados e desconhecidos por críticos, editores, jornalistas, poetas e leitores de modo geral – os que eu citar neste texto conheci através do ensaio da pesquisadora da Universidade Federal de Viçosa; 2. é a primeira vez no Brasil que alguém se aventura a ler criticamente um poema do Loanda, no caso, “Ode para Jack London”, um de seus mais paradigmáticos, publicado pela primeira vez, como nos é mostrado, em 04 de julho de 1948, no *Correio da manhã*, quando, nascido em 19 de setembro de 1924, o poeta tinha 23 anos.

É preciso dizer que estou aqui igualmente por outro motivo: estou aqui por uma dívida. Sabe-se que, no diálogo de Platão, depois de ter sido condenado a beber o *phármakon*, antes de morrer, Sócrates pronunciou suas últimas palavras: “Crítón, devemos um galo a Asclépio; não te esqueças de pagar essa dívida” (PLATÃO, 2018, p. 202). Enquanto é tempo, paguemos nossas dívidas, para uns, em sacrifícios aos imortais, mas, para nós, paguemos nossas dívidas aos mortais. A dívida que tenho a pagar é uma dívida poética e, mesmo que dívidas poéticas sejam impagáveis, diante da impossibilidade do pagamento final, correndo o risco de realizar tão somente a demanda pelo pagamento que devemos, o gesto ético de começar a pagá-las me parece o possível necessário a ser realizado diante da impossibilidade de pagamento total de uma dívida poética. Afinal, nem sabemos o total, nem se ele existe, de uma dívida poética,

socialmente insignificante, mas, para o poeta, ao contrário, infinita. Como falar de uma dívida infinita, senão, aos poucos, ao longo de toda uma vida, pela finitude possível a que, a cada vez, nos lançamos?

*

Além de por tudo o que vive, um poeta cria sua singularidade não apenas pelas leituras conhecidas e reconhecidas em seu momento que, como muitos outros, realiza, mas por leituras de poetas que não interessam a ninguém senão a ele e a poucos outros. Pelo fim de 1980 e começo dos anos 1990, quatro poetas então pouco lidos me marcaram intensamente: em 1988, antes do *boom* do poeta, conheci Manoel de Barros pela entrevista na revista *Bric-a-Brac* e, pelos anos seguintes, Vicente Franz Cecim, Leonardo Fróes e Fernando Ferreira de Loanda, não obrigatoriamente nessa ordem. Pertencente a uma geração formada pelo que se impunha da poesia concreta e pela brevidade preponderante da poesia marginal, a leitura daqueles poetas me foi decisiva.

Poucos anos depois, quando tive contato com a poesia de Manoel de Barros, realizei, no dia 10 de maio de 1993, uma entrevista com ele, publicada, em 1994, nos Cadernos Pedagógicos e Culturais do Centro Educacional de Niterói. Em 1997, no número 8 da revista *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional, publiquei uma resenha do *Livro sobre nada*. Em 1999, terminei minha Tese de Doutorado, que tinha, por um dos capítulos, o intitulado “Manoel de Barros: do esbarro entre poesia e pensamento”, texto publicado, em 2005, na *Poesia Sempre*. Em 2014, na Academia Brasileira de Letras, a convite de Antonio Carlos Secchin, proferi a conferência “Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso?”. Tal texto foi publicado tanto na *Revista Brasileira*, da própria ABL, quanto, a convite de Alfredo Bosi, que, entretanto, não conhecia, na revista *Estudos Avançados*, da USP.

Sobre Leonardo Fróes, depois de ter sido muito impactado pelo livro *Argumentos invisíveis* quando de sua edição em 1995, publiquei, em 6 de maio de 2002, no suplemento *Prosa & Verso* do jornal *O Globo*, a resenha intitulada “Na poesia vertiginosa de Leonardo Fróes”. Em 2015, por não ter escrito nenhum ensaio sobre o poeta, quando a antologia *Trilha* seria publicada pela Azougue Editorial, Sergio Cohn, Gabriela Capper e eu fizemos o documentário “Leonardo Fróes: um animal na montanha”. Foi o primeiro de alguns filmes



amadores que vim a fazer com poetas². Logo em seguida, em 14 de novembro de 2015, o jornalista Guilherme Freitas publicou a matéria “Em ‘Trilha’, Leonardo Fróes reúne poemas da vida em meio à natureza” no jornal *O Globo* mencionando o filme. Leonardo me disse que o interesse do jornalista por ele se dera por causa do filme. A partir de então, Leonardo recebeu a distinção de escritor ou poeta do ano pelo mesmo jornal, foi convidado, em 2016, para falar na Flip e em evento na Inglaterra, tornando-se nacionalmente muito mais conhecido e reconhecido.

No que diz respeito a Vicente Franz Cecim, em 28 de julho de 2007, no caderno *Prosa & Verso* do jornal *O Globo*, publiquei uma resenha do livro *Ó Serdespanto* intitulada “Uma ponte entre a palavra e o silêncio; escrita vigorosa de Vicente Franz Cecim se apropria da prosa, do verso, da filosofia e do romance”. Em 2017, também por não ter escrito até então nenhum ensaio sobre o poeta, fiz, com Danielle Magalhães, o documentário “Vicente Franz Cecim: um animal na floresta”. Em 2021, a convite de Vitor Cei, proferi a conferência “Homenagem a Vicente Franz Cecim”, tendo publicado, na revista *Dobra*, de Portugal, o ensaio “Vicente Franz Cecim: rumores e vozes da Amazônia na escrita de Andara”, incluído no livro *O imaginário Amazônico na cultura e nas artes*, organizado por Rafael Senra.

*

Deve ter sido em fins de 1992 que li uma nota no Caderno Ideias do *Jornal do Brasil* mencionando Fernando Ferreira de Loanda. Lembrando aos mais jovens que àquela época não havia internet, liguei para Mario Pontes, editor do suplemento literário, que, para minha surpresa, me deu o telefone do Loanda, dizendo que, isolado em sua casa na Penha, gostaria do telefonema. Telefonei para o poeta e marcamos um encontro, começando uma amizade que durou até sua morte, no dia 19 de setembro de 2002. A dedicatória que tenho no exemplar do *Kuala Lumpur* data de 28 de janeiro de 1993, dia em que, por isso mesmo, creio ter ocorrido nosso primeiro encontro. Encontrávamo-nos no restaurante Oklahoma, perto do apartamento

² 1. Leonardo Fróes: um animal da montanha (https://www.youtube.com/watch?v=Ne7d_6VbMv4); 2. Vicente Franz Cecim: um animal na floresta (<https://www.youtube.com/watch?v=o2XftTgm3OE>); 3. Carlos de Assumpção: Protesto (<https://www.youtube.com/watch?v=HQrg4OwL2qM>); e a série Autobiografias poético-políticas, composta por 5 filmes: 1. André Luis Pinto: Prazer, esse sou eu (<https://www.youtube.com/watch?v=PZZwGz7-cfI>); 2. Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo (<https://www.youtube.com/watch?v=stqndRqDTMs>); 3. Bruna Mitrano: a 70km do mar (<https://www.youtube.com/watch?v=YyHf4hOn31U>); 4. Danielle Magalhães: carta aos sobreviventes (<https://www.youtube.com/watch?v=LGyp1N5Gec4>); 5. Autobiografias poético-políticas (<https://www.youtube.com/watch?v=bdZyGi2pL04>).

de Alcina Morais, sua namorada, onde passava os fins de semana e, por frequentar as redondezas, escreveu o poema clorofílico “Largo do Machado”:

LARGO DO MACHADO

Prometem-nos o céu, mentem.
O celestial está no verde
das árvores da praça,
a todos indiferente.
Deus é a clorofila,
a seiva que alimenta as plantas
o sangue que o mosquito suga,
a moeda que o garoto pede,
está sob os meus pés,
nos meus olhos, movimenta
minha mão, intui-me
este momento, escrevo.
Há sempre uma dúvida: Deus existe?
Por quê e para quem escrevo? (LOANDA, 1996, p. 27)

Além dos alegres assuntos triviais, gostava de falar de seus livros, publicações internacionais, viagens, poetas amigos pela Espanha e por toda a América Latina, de sua biblioteca mítica com muitos livros com dedicatórias para ele de autores como Jorge Luis Borges (“Eu tenho todos os livros do Borges autografados”, gostava de dizer), da história que gerou “Brindis”, o poema que Octavio Paz lhe dedicou publicado em *Arbol adentro*, de 1987, etc. Contou-me que a fábrica de sabão do pai (irmão do dono da União Fabril Exportadora – Sabão Português, na Av. Brasil), na qual trabalhara, financiara a revista e a editora Orfeu, já que as colaborações dos poetas raramente chegavam. Lembro-me de seu orgulho contido quando de sua ida ao México em 1999, a convite do presidente Ernesto Zedillo, para homenagear o amigo poeta Jaime Sabines em sua morte...

O primeiro livro de Loanda que li foi *Kuala Lumpur*, em meus 26 anos. Isso é um fato importante para mim pois, em 1993, tive meu primeiro livro de poemas publicado. Inadmissivelmente, *Kuala Lumpur* é um livro ainda hoje totalmente silenciado. Em 2000, na primeira vez que fui entrevistado, por Rodrigo de Souza Leão, uma de suas perguntas foi: “A sua poesia em *Ecometria do silêncio* invade o mar da prosa, o resultado é harmonioso, diferente, intenso. Onde acaba a poesia e começa a prosa?” (LEÃO, 2007, p. 245). Salientando que, publicado em 1999, o mencionado é o meu quarto livro, a resposta começava assim:

[A poesia acaba e a prosa começa] Normalmente, nos manuais de literatura. Não em ‘O livro do desassossego’. Não em ‘Monsieur Teste’. Não em ‘Notas do subterrâneo’. Não em ‘Fome’. Não em ‘Grande sertão’. Não em ‘Kuala Lumpur’, de Fernando Ferreira de Loanda, nem em ‘Argumentos invisíveis’, de Leonardo Fróes, para citar uns poucos. Mas, ao invés de querer saber “onde acaba a poesia e começa a prosa”, prefiro colocar sua pergunta de uma outra maneira: onde poesia e prosa são indiscerníveis? [...] Não sou uma pessoa de fronteiras, mas do desguarnecimento delas. [...] (*apud* PUCHEU, 2007, p. 245).

Em 2002, em entrevista a Ronaldo Bressane para a revista *Trip*, quando perguntado se faltava “pegada à poesia brasileira atual”, começava respondendo:

A poesia atual é de uma grande fecundidade e abarca inúmeros poetas que não podem ser generalizados. Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes, Fernando Ferreira de Loanda (de *Kuala Lumpur*), Vicente Cecim e outros, cada um, à sua maneira, têm uma pegada fortíssima. (*apud* PUCHEU, 2007, p. 261).

Em 2005, entrevistado pela *Poesia Viva em Revista*, solicitado a caracterizar a minha poesia “no panorama literário”, lá pelas tantas de minha resposta, aparece:

Eu, que li muito os concretos e Cabral, me sinto mais marcado, entre os brasileiros, vivos, por poetas como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes e por um livro maravilhoso muito pouco lido, e nada comentado, que é o *Kuala Lumpur*, de Fernando Ferreira de Loanda, que morreu há pouco tempo (mesmo no Cabral que li, privilegiei outros elementos diferenciados de um Cabral da razão, privilegiei um Cabral da força intensiva e rara de sua linguagem). Nesse time, uma poesia mais nevrálgica, que, sem descuidar do apuro com as palavras, busca uma intensidade mais imediata, conjugando pensamento com corpo, respirações mais largas e tensivas. (*apud* PUCHEU, 2007, p. 282).

Em 2017, entrevistado pela *Seda*, Revista de Letras da Rural, Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa tocou em um ponto importante para mim:

Você tem uma relação longa e não muito evidente nos seus textos com poetas cujas obras não foram ou vinham sendo muito lidas. São os casos de Fernando Ferreira de Loanda, Leonardo Fróes e Vicente Franz Cecim. Como você pensa essas obras em relação ao que vai fazendo, já que elas comparecem de relance nos seus livros? (BARBOSA, 2017, p. 160).

Vou ler para vocês uma parte maior da longa resposta que dei:

Reconheço muito os poetas que me afetaram, que me afetam, independente de fazerem parte do *mainstream* da história da poesia ou não. Eles me atravessam e preciso deles, que me colocam em movimento. Conheci o trabalho dos três que você menciona nos anos 1990. *Kuala Lumpur* e *Argumentos Invisíveis* me afetaram como poucos livros lançados naquela década; Andara me pareceu desde então um dos mais ousados projetos poéticos que temos entre nós. Em todos eles, algo que na época não era o privilegiado, poemas com versos longos, com fôlego maior do que o então hegemônico, com uma contenção que amplia a força do que ali se estende, com uma pegada filosófica forte, atravessados pelas potencialidades da vida. Não à toa, três solitários. Loanda [...], que transitava pela América Latina e por poetas latino-americanos como se estivesse entre os mais íntimos e sendo reconhecido por eles, no Brasil, isolado em sua casa na Penha, desconhecido por ter sido o editor do que ele mesmo chama de “a geração malograda”, a geração de 45; Leonardo Fróes em sua solidão a dois entre Secretário e Petrópolis, avisando, desde lá, desde as montanhas, a cada livro, que estava vivo em poemas muito singulares de uma vida muito singular; Vicente na sua Amazônia, tendo um reconhecimento, ainda que bem tardio, mais em Portugal do que no Brasil. Os três se tornaram amigos muito queridos, por quem tenho grande amizade e admiração. Há algo nesses *outsiders* que sempre me tocou, que, ética e poeticamente, sempre quis me ensinar o que eu nem sei direito o que é, mas em todos eles, é certo, caminhos demarcadamente distintos do que então era o mais habitual, seja no concretismo, seja na poesia marginal, seja nas derivações de ambos, em suas heranças recebidas. (PUCHEU, 2017, p. 160-161).

Em entrevista para a antologia *A fronteira desguarnecida* publicada em 2019 em Portugal, indagado por Sergio Cohn “Qual sua percepção do contexto da poesia brasileira no momento em que você começa a se pensar como poeta?” (COHN, 2019, p. 93), comecei respondendo:

Eu era novo, acho que a gente está sempre buscando respirações novas, não para escolher uma, mas para perder aquelas que nos prendem, para trilhar por um caminho imprevisível. Naquele momento, fora as leituras que todo mundo fazia, ter lido Manoel de Barros, Leonardo Fróes, Fernando Ferreira de Loanda e Vicente Franz Cecim me ajudou muito a fazer uma poesia que fosse para um outro lugar, que não era preponderante na ocasião. (PUCHEU, 2019, p. 97-98)

Em 2022, o professor Faustino Teixeira, ao me entrevistar, me perguntou: “Você também é estudioso de um grande buscador brasileiro, o poeta e tradutor Leonardo Fróes. [...] Como você percebe o valor da literatura que brota de alguém que captou o ‘caminho do campo’?” (TEIXEIRA, 2022, s/p). Mais uma vez, acabei por citar o *Kuala Lumpur*, do Loanda:

Os poetas que mais me marcaram entre o fim dos anos 1980 e os 1990, fora os habituais de todo mundo, e fora o Fernando Ferreira de Loanda, de *Kuala Lumpur*, eram poetas ligados à natureza: Leonardo, às montanhas (de Secretário, Petrópolis e arredores); Vicente, à Amazônia; Manoel de Barros, ao Pantanal. (PUCHEU, 2022, s/p)

Se tais momentos são alguns dos quais, ao longo de mais de vinte anos, mencionei o Loanda e o *Kuala Lumpur*, falando deles de maneira obsessiva exclusivamente através desses nomes próprios que estabelecem uma assinatura, as menções também adentraram meus poemas. No mencionado *Ecometria do silêncio*, de 1999, dediquei-lhe o poema “Breve história trágico-marítima”, tendo, como ponto de partida, o clássico português *História trágico-marítima*, publicado pela primeira vez entre 1735 e 1736. Tal livro antilusíada reúne narrativas dos naufrágios e desventuras de navegadores portugueses. Dou-me conta de que, contra-assinadamente, dediquei ao Loanda um poema na contramão de “Ode para Bartolomeu Dias”,



um de seus poemas mais monumentais que, entretanto, me leva à difícil pergunta de qual leitura faríamos dele em tempos descoloniais.

Apesar de o poeta mexicano Carlos Montemayor afirmar ser “um dos poemas clássicos, permanentes, de nossa América Latina” e “um dos melhores poemas de nosso continente, [sendo] o centro da poesia de Fernando Ferreira de Loanda” (MONTEMAYOR, 2000, s/p), apesar de o poeta mexicano Jorge Ruiz Dueñas terminar a parte XI do poema “Celebracion de la memoria” com o bellissimo verso em português com que Loanda abre o respectivo poema (“La noche incendia las constelaciones/ sobre cubierta/ entusiasmados/ reconocemos geometrías en vilo/ y el poeta musita/ Quando o astrolábio não mais te falar de estrelas”), não tenho como me esquivar de perguntar: como ler hoje essa ode a um “Bartolomeu Dias de minha infância/ símbolo da minha raça” (a raça portuguesa colonizadora), esse elogio ao “meu Ulisses lusíada” que gostaria de ter sido nada menos do que “senhor do Oriente”, plantando, lá, “as quinas [...] e a cruz”? “Quinas” diz respeito ao grupo dos cinco escudetes das armas de Portugal e “cruz”, sabemos bem a que, com as “quinas”, se refere. Como ler hoje esse elogio à expansão portuguesa às índias, às armas e às cruzes da devastação dos que, para além das índias, por isso mesmo, foram chamados de “índios”, ou seja, da devastação de indígenas e também de negros, culturas, línguas, religiões, riquezas e muito mais?³

A situação não ajuda se lembrarmos que, em autorretrato escrito para *A Cigarra*, em seção designada “Os jovens”, dois anos depois de ter escrito o respectivo poema, Loanda, então com 25 ou 26 anos, começava, já na primeira frase, dizendo “Sou 100% lusíada” e, mais para frente, afirmava que “O sangue dos meus avós, lusíada genuíno, simbolicamente fíta-me”, acrescentando, pelo meio, coisas como “Portugal é um poema que ainda ressoa no meu peito”, que em sua infância “Queria ser um Camões”, que “aos doze anos assinei um poema sobre o Condestável Santo, e a professora duvidou que fosse meu”, salientando que “Apalpo-me e sinto sobre minha epiderme, Caravelas”, que “fui D. Sebastião” etc. (LOANDA, 1950, p. 96 e 144).

Além das menções e da dedicatória, ainda em *Ecometria do Silêncio*, há um poema intitulado “Codicilo” que cita e referencia um verso de “Kuala Lumpur”: “arrastado pela força que leva as aves a emigrarem” (PUCHEU, 2007, p. 93). Em 2007, com o amigo-poeta já morto, em uma série de poemas intitulada “Escritos para o lado de dentro das lentes dos óculos” em minha poesia reunida, um dos poemas se intitula “Fernando Ferreira de Loanda”, dizendo assim:

³ Outro ponto igualmente difícil que um dia terá de ser enfrentado na poesia de Fernando Ferreira de Loanda me parece ser o lugar da mulher.

O charme – dorido – dos solitários. Dos periféricos. Dos desenraizados. Dos que têm três países na mesma língua. Dos que não têm – uma – a mesma – língua: os políglotas em suas línguas – impróprias. O charme – dorido – dos que, a cada conversa, são frequentados – menos pelas palavras do que – por sua fuga. *As palavras me fogem... As palavras me fogem...* Força abrupta e – progressivamente interruptiva – da bruteza isquêmica de um corpo autônomo que, dorido, na imediatidade dos nervos, gagueja sua impossibilidade retornante – num quase puro ruído de um último sentido ainda audível, o de uma firme lataria rasgando – impactante – uma carne: *As palavras me fogem... As palavras me fogem...* (PUCHEU, 2007, p. 211).

Tendo tido duas ou três isquemias antes de eu o conhecer, e mais uma quando eu o conhecia, “As palavras me fogem...” era uma frase que Loanda repetia quando não lembrava o que queria dizer. Em 1999, Sergio Cohn, editor da *Revista Azougue*, me procurara para publicar no número seguinte uma antologia de poemas meus. Disse-lhe que tinha de conhecer dois poetas muito pouco lidos que eu achava que combinavam com o que vinha publicando de poesia em sua revista: Leonardo Fróes e Fernando Ferreira de Loanda. Emprestei os livros a ele que, muito impactado, resolveu publicar os dois poetas. Saído em 2003, o número da *Azougue* com Loanda e Leonardo foi o último da revista, para o qual fizemos uma antologia de cada um e uma entrevista com eles.

Realizada em seus últimos anos de vida, a entrevista com o Loanda foi angustiante para mim, tendo ficado evidente o quão sua fala não seguia um caminho minimamente linear. A cada pergunta, respondia de maneira demasiadamente entrecortada, repetindo sempre a frase: “As palavras me fogem... As palavras me fogem...”. Apesar da repetição exaustiva de tal frase, que, por sua força dolorida e por dizer muito igualmente a respeito da poesia de modo geral, acabei sugerindo como título, na edição final da entrevista, não sei se acertadamente ou não, a deixamos apenas uma vez, para não ficar demasiadamente cansativa. Talvez, nas conversas, aquilo não fosse tão perceptível quanto na entrevista, em que não podíamos suprir as lacunas do que dizia; talvez, ele estivesse com uma dificuldade maior de falar do que antes... Não sei. Com dificuldades em editar a conversa, agrupamos momentos que podiam ser conectados. Foi dolorido, mas ficou como o único registro de entrevista com o poeta.

*



Aproveito a ocasião para dizer que há poucos anos sugeri que Leonardo Gandolfi, poeta sobre quem escrevi e publiquei um longo ensaio em torno de seu livro *A morte de Tony Bennett*, que, junto a sua companheira, Marília Garcia, haviam criado a Editora Luna Park e a coleção Círculo de Poemas, conhecesse *Kuala Lumpur*. Há poucos meses, ele me pediu os livros do Loanda para, quem sabe, publicar uma antologia do poeta na coleção. Menciono isso, entretanto, por outro motivo. Depois de ter publicado *Robinson Crusoe* pela Editora 34, Gandolfi finaliza um livro, para o qual escreveu um poema em quatro partes intitulado “Bob Dylan”, cuja segunda parte é:

Vou fazer com este cacto
o mesmo que fiz
com Whitman
deixá-lo sem água
até que seque
sou invertebrado
queimo livros
canções e amigos
me despedaço até estar
em cada um deles
não quero ninguém
no meu enterro
também não vou ao de vocês
outra cerveja por favor

Em um procedimento apropriativo típico de Leonardo Gandolfi que, sem revelar suas fontes, ainda as confunde, apesar de o título do poema ser “Bob Dylan”, indicando ser o compositor e cantor quem, real ou imaginariamente, fala no poema, muito do que é apropriado nessa segunda parte é – pasmem! – de Fernando Ferreira de Loanda, que ocupa o lugar daquele, duplicando e substituindo ocultamente o ídolo popular que ganhou o Nobel de literatura. Loanda tem uma ode destinada a Walt Whitman, personagem desse fragmento de Leonardo Gandolfi. Em passagem do “Poema dos cinquenta anos”, inédito em livro, mas que publicamos na *Revista Azougue*, aparece igualmente a palavra “cactos” (LOANDA, 2003, p. 55), presente, no singular, no primeiro verso do de Gandolfi. Se o sétimo e oitavo versos do segundo momento de “Bob Dylan” diz “queimo livros/ canções e amigos”, o de Loanda, no verso logo abaixo ao dos “cactos”, afirma que “respondo cartas, queimo livros antigos e amigos” (LOANDA, 2003, p. 55). As únicas variações são que Gandolfi não colocou o “respondo cartas”, trocou o

“antigos” adjetivador dos livros por canções – afinal, é com Bob Dylan, o poema – e quebrou o verso onde não havia quebra. Quando, em seguida, Leonardo escreve “me despedaço até estar/ em cada um deles”, um leitor apaixonado de “Kuala Lumpur” não tem como não lembrar que, pelo fim do poema, está escrito “vive fragmentado, em cada um de nós” (LOANDA, 1991, p. 19). Quando, na sequência, Gandolfi escreve “não quero ninguém/ no meu enterro/ também não vou ao de vocês”, há uma evidente citação apropriativa do último verso de “Poema sem paisagem”, do mesmo livro *Kuala Lumpur*, em que Loanda escreve: “Não vás ao meu enterro, não irei ao teu” (LOANDA, 1991, p. 33). E, com o “sou invertebrado” fazendo-se presente no poema de Gandolfi, é preciso dizer que ele vem igualmente desse último poema mencionado de Loanda, em que, antes do verso final, afirma: “Sou invertebrado, não me comovem as tuas alegrias ou tristezas, dana-te” (LOANDA, 1991, p. 33). Não tenho o intuito de fazer uma leitura do inédito “Bob Dylan”, mas de mostrar, além das minhas, a única recepção de Loanda por poetas mais recentes, ainda que esta seja uma recepção impossível de ser recebida pelo leitor que não seja amigo de Leonardo Gandolfi, que me falou do poema enviando-o a mim, nem frequentador assíduo de Fernando Ferreira de Loanda.

*

Quando, a partir de 2015, comecei a fazer os filmes com poetas, tendo feito “Leonardo Fróes: um animal na montanha” e “Vicente Franz Cecim: um animal na floresta”, quis ter feito um com Manoel de Barros e outro com Fernando Ferreira de Loanda, mas ambos já estavam mortos. Apesar de muito diversos entre si, aqueles três poetas lidavam com uma poesia a partir da natureza. Loanda era um homem urbano, exilado em sua casa na Rua Quito, na Penha, com a biblioteca que construía. Não ter feito o filme com Manoel de Barros, já morto, não chegava a ser um problema para mim, afinal, tanto eu me dedicara à poesia dele quanto, em certo momento, ele se tornara o poeta mais vendido e falado do Brasil. Sobre Loanda, em termos críticos, eu não escrevera nada. Ainda pensei em fazer um filme. Mas como, se ele estava morto? Tive uma ideia: pelas redes sociais, pedi a brasileiros que moravam em Kuala Lumpur que me enviassem imagens filmadas da cidade. Para minha surpresa, acabei por receber filmagens da cidade feitas com celular, mas não consegui pensar num filme com elas e o projeto fracassou.

Na virada de 2017 para 2018, fui para a Tailândia, Vietnã e Camboja com a Dani, minha companheira. Na volta, nosso voo sairia de Bangkok para Londres, de onde viríamos

para o Rio de Janeiro. Acontece que o voo de Bangkok foi cancelado pela companhia aérea. Depois de muita confusão, deram-nos uma passagem de Bangkok para Kuala Lumpur, onde pernoitaríamos em um hotel custeado pela empresa e passaríamos o dia seguinte na cidade, de onde, à noite, partiríamos para Londres. Na viagem mais inesperada de minha vida, fomos arrastados por uma força que nos levou a Kuala Lumpur, “os cornos da lua”, “algo intocável” e “muito além das fronteiras da razão” (LOANDA, 1991, p. 19), segundo o poeta. Como não pensar insistentemente nele naquele único dia errático pela cidade. Vinte e cinco anos depois de ter lido o poema pela primeira vez, eu tocava, de algum modo, o intocável da poesia de Loanda. Na cidade, onde, apesar de tudo, o poeta não fora, fiz uma leitura do poema, com a Dani registrando-a pelo celular⁴. Como eu tinha de ler o poema no celular, minha leitura ficou muito ruim, mas foi um gesto de memória poeticamente amoroso ou amorosamente poético. Tampouco consegui pensar em um filme com essa breve filmagem realizada por um celular.

*

Quando primeiro li esse poema, o impacto foi imenso, como nas muitas vezes em que voltei e sigo voltando a ele. Considero “Kuala Lumpur” um dos grandes poemas que conheço, o que quer que isso queira dizer. Espantava-me e me espanto que, ainda que 40 anos depois, algum desavisado que o lesse – e, para além do poema, o livro – jamais o vincularia ao que, em “Ode para Walt Whitman ou Efraín Huerta”, Loanda chamou de a geração malograda ou, literalmente, “minha geração, a malograda” (LOANDA, 1991, p. 28). Malogro da geração, de Loanda, de *Kuala Lumpur* mesmo nos anos 1990 e nos seguintes pelo fato de o livro ter sido escrito por quem participou ativamente da geração “malograda”. “Malogro” que se faz igualmente presente como um peso no poema “Kuala Lumpur”, quando diz: “Bêbado, esboçava mapas, definia reentrâncias e, sob o peso do malogro, levantava o copo e brindava: – Kuala Lumpur, Kuala Lumpur – como algo intocável, muito além das fronteiras da razão” (grifo meu, LOANDA, 1991, p. 19). *Kuala Lumpur* estava em sua época de modo tão singular e consistente como os livros de Andara, de Vicente Franz Cecim, *O guardador de águas*, de Manoel de Barros, e *Argumentos Invisíveis*, de Leonardo Fróes, para ficar nos poetas por mim obsessivamente mencionados ao longo da vida e aqui.

⁴ No dia 12 de janeiro de 2018, posteí o vídeo no Facebook, encontrando-se nesse link: <https://www.facebook.com/alberto.pucheu/posts/pfbid02XfHwXyRS7e4yQ9Pzf8vpk4JSabDw6XC6QqtfL3pJgYjnTpDEp6ZJT6bty6QwoHinl>.



Trago o poema:

KUALA LUMPUR

a Álvaro Mutis

Arrastado pela força que leva as aves a emigrarem, mudo e estático, quedava-se olhando os navios e os aviões que chegavam e partiam, dando-lhes uma procedência ou itinerários coralíneos.

De tanto se sonhar passageiro, húmus preterido, cicatriz de um desejo remoto, tripulante ou clandestino, cultivava a frustração, estrumando-a e regando-a, a segregar repetidamente o nome das cidades longínquas para onde os imaginava.

Envelheceu à sombra cauterizada da continuidade obsessiva, com o imponderável ponderável a fustigá-lo e, opiado, as mãos, surdir de gaiivotas, já não vibravam, sibilar sibilino, quando nos falava de Kuala Lumpur, os cornos da lua.

Sabendo que jamais teria asas para voar, barbatanas para nadar, voltava todos os sábados, de tarde, ao ponto de observação, onde, subjugado, morria mais uma semana. Bêbado, esboçava mapas, definia reentrâncias e, sob o peso do malogro, levantava o copo e brindava: – Kuala Lumpur, Kuala Lumpur – como algo intocável, muito além das fronteiras da razão. E aos amigos falava de Antuérpia, Trinidad, Hong Kong e Port-Said com intimidade e cores tais, do clima e do comércio, das ruas e das mulheres, dos prostíbulos e dos entardeceres, que jamais alguém se mostrou incrédulo, marinheiros, marginais, marafonas. E se no grupo havia um poeta, categórico afirmava: – Poetas, não há poetas, há poemas.

Falam de sua morte, há dois meses não aparece; se se fanou, não o foi de todo, vive fragmentado, em cada um de nós, míseros e sedentários, adventícias firmes no solo, algemados a compromissos, ao supérfluo.

Não era humano: pássaro de asa quebrada, peixe retido no aquário, ou vegetal, quem sabe? (LOANDA, 1991, p. 19)

Antes de lançar algumas palavras sobre “Kuala Lumpur”, parece-me importante ressaltar que, em *A modernidade entre tapumes*, Vagner Camilo reitera a rejeição das “formas híbridas como o poema em prosa” como uma das marcas de 1945. Cito o crítico em dois momentos. Enquanto, no primeiro, ele sublinha a reação de tais poetas contra as principais conquistas do Modernismo como “a liberdade das formas, o verso livre, o estilo mesclado, a dissolução das fronteiras entre os gêneros, bem como a incorporação do prosaico (no duplo sentido do termo)” (CAMILO, 2020, p. 118), no segundo, ele afirma:

Rompendo com as propostas estéticas do Modernismo também no que tange à radicalidade da fusão ou dissolução das fronteiras entre os gêneros, tal grupo, no seu afã de definir a essência do poético, chegou mesmo a rejeitar formas híbridas como o poema em prosa, relegando seu pertencimento ao domínio exclusivo da prosa, como sustenta Carvalho da Silva. (CAMILO, 2020, p. 189)

A referência a Carvalho da Silva pode ser constatada em “O modernismo e a Geração de 45”, em que, lembrando um curso oferecido por Sérgio Milliet, o próprio Carvalho da Silva afirmava sobre o poema em prosa, segundo ele, “um tema ainda não estudado, antes, no Brasil” (SILVA, 1966, p. 129):

O conferencista fez um belo estudo do assunto, mas omitiu um esclarecimento que, ao fim de sua palestra, eu lhe pedi: se considerava o poema em prosa como parte da prosa ou da poesia. Sérgio Milliet refletiu alguns segundos e respondeu: “da prosa”.

Realmente, na própria denominação do gênero está expresso que se trata de prosa. [...] Mas a nós, que cultivamos a poesia, não nos pode interessar mais a prosa poética do que a poesia prosaica. Ambas são heréticas em relação à poesia autêntica. (SILVA, 1966, p. 129)

Para citar mais um exemplo, em “As duas faces de um poeta”, texto sobre João Cabral de Melo Neto, o poeta ensaísta editor da *Revista Brasileira de Poesia* volta com seu julgamento a partir

de uma concepção de uma autenticidade ou pureza do poético dada por uma espécie de princípio da não-contradição aristotélica para pensar a poesia: se uma mesma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, um poema em prosa, com a parte que nomeia o poema totalmente recalcada no pensamento de Domingos Carvalho da Silva, não pode ser em prosa sem perder sua identidade de poema. Depois de citar uma passagem de “Morte e vida severina”, em que dois coveiros conversam (“- Pois eu me daria por contente/ se me mandassem para cá./ Se trabalhasse no de Casa Amarela/ não estarias a reclamar./ De trabalhar no de Santo Amaro/ deve alegrar-se o colega/ porque parece que a gente/ que se enterra no de Casa Amarela/ está decidida a mudar-se/ toda para debaixo da terra”), ele afirma:

Se a poesia é obra de arte informada por princípios de estética, se o seu conteúdo é a superação da própria realidade e se a sua linguagem não é a da prosa do vulgo, não podemos fugir à conclusão de que o texto acima não se pode enquadrar nos seus limites. A experiência de colocar dois coveiros num diálogo coloquial, livres das belas e rítmicas palavras e do brilho de pensamentos com que Shakespeare os apresenta na abertura do quinto ato do *Hamlet*, é sem dúvida fascinante. Mas, por mais simpatia que mereça, é arriscado crer em seus resultados, mesmo dentro dos conceitos menos convencionais de poesia. (SILVA, 1966, p. 66)

Tal dualidade entre a rejeitada heresia e a suposta autenticidade da poesia, entre o que se enquadra e o que não se enquadra em seus limites, leva Domingos Carvalho da Silva a uma outra, a entre poesia e crítica, fazendo desta, entendida de maneira muito rudimentar, assunto exclusivo para o leitor, jamais para o poeta. Em “Dois estudos sobre um poeta”, ele afirma:

Não incorrerei, todavia, no erro ingênuo de certos críticos que condenam nos poetas o fato de não escreverem a poesia que eles (críticos), se pudessem, gostariam de escrever, mas que, certamente, se fossem poetas, também não escreveriam, *et pour cause...* O que cabe à crítica é compreender, interpretar e explicar o poeta; não lhe cabe arvorar-se em seu guia e ensinar-lhe caminhos que ele, por ser poeta, conhece. A crítica destina-se ao leitor e não ao autor da obra poética. (SILVA, 1966, p. 81)

Não deixa de ser curioso que, enquanto Loanda denominou sua geração de “malograda”, no polo oposto, Domingos Carvalho da Silva a chamou de a “geração realizada”, dando esse título a um tópico de seu texto que começa afirmando: “Hoje pode-se dizer que a

Geração de 45 tem um lugar definitivo na história da poesia brasileira. E, se é verdade que muito se pode esperar ainda dos poetas dessa geração – certo é também que a sua fase propriamente histórica já está realizada” (SILVA, 1966, p. 145). Ainda que às avessas e tardiamente, não sei se de maneira proposital ou se coincidentemente, não sei se de modo consciente ou se inconscientemente, as duas posições contrárias, a da geração “malograda” sem lugar na história da poesia brasileira – de Loanda – e a da geração “realizada” tendo “um lugar definitivo na história da poesia brasileira” – de Domingos Carvalho da Silva” – se utilizam de terminologias existentes em texto de fevereiro de 1946 de Álvaro Lins.

Ao salientar “a zona de originalidade” de João Cabral de Melo Neto pela publicação de *O Engenheiro*, o crítico escreve: “E, sem poetas assim independentes, a atual geração de vinte anos ficaria malograda ou irrealizada” (LINS, s/d, p. 58). O crítico está afirmando que, sem poetas com a independência de um João Cabral, a de então seria uma geração malograda, mas que, com poetas com tal independência, ela se faria uma geração realizada. Lembro que, à época da publicação de tal texto em jornal, Loanda tinha 21 anos e Domingos Carvalho da Silva, 30, ou seja, antes de este se empenhar na organização do I Congresso Paulista de Poesia e de, imediatamente depois, cunhar o nome de “Geração de 45” ao dizer sobre o congresso que “foi evidentemente a batalha de duas gerações, a de 22 e a de 45” (SILVA, 1948, p. 1), talvez as palavras de tal texto tenham sido provocadoras para ambos, ecoando mais de quatro décadas depois no poema do primeiro e duas décadas depois no ensaio do segundo. Quanto à dita “zona de originalidade” de João Cabral, menos de duas décadas depois do texto de Álvaro Lins, será também o que levará José Guilherme Merquior a dizer que “João Cabral é simplesmente o que a geração de 45 poderia ter feito e não fez” (MERQUIOR, 2016, p. 54-55), levando tal crítico a chamar a respectiva geração de “dege(ne)ração” (MERQUIOR, 2016, p. 48) e seus poetas de “os novos defuntos”, “os iludidos de 45” (MERQUIOR, 2016, p. 49).

É notável que o termo “malograda”, usado em 1946 por Álvaro Lins e décadas depois, em 1991, por Fernando Ferreira de Loanda em “Ode para Walt Whitman ou Efraín Huerta” para falar de sua geração, tenha sido igualmente utilizado pelo mesmo poeta, em 1967, em suas linhas iniciais da abertura da *Antologia da moderna poesia brasileira*, para se referir à geração de 1922, a da Semana de Arte Moderna: “Todos os ismos são radicais, e a tal ponto que, em 1922, os engajados na malograda geração perderam – e perderam-se – a noção do valor poético, chegando a um primarismo desabonador” (LOANDA, 1967, p. 9). Se, visto desde hoje e de maneira planificada, o diagnóstico de Loanda em 1967 pode ser um erro histórico acentuado, por outro lado, tal equívoco pode mostrar, ao menos na época e para esse poeta, tanto a aposta

estratégica de confronto da sua geração com alguns da anterior quanto uma espécie de inter-relação ou de relação implícita, pelo uso do mesmo significante, entre a geração de 1922 e a de 1945, como se esta, tendo o malogro daquela, guardasse igualmente algumas de suas características e um desejo inconsciente de ter o mesmo sucesso que a do Modernismo teve – e segue tendo.

Além disso, é preciso balizar o respectivo comentário do poeta e organizador da antologia na medida em que seu próprio gesto curatorial cria uma rede de entrelaçamentos ou uma constelação entre poetas reconhecidos como pertencentes aos grupos de 1945 e modernistas de momentos distintos – de 1922 e de depois – tais como Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Augusto Meyer, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana. Ou seja, nos é dada a sensação de que os que comparecem nessa lista como ligados a 1922 e decorrentes de tal movimento não seriam os “malogrados” que “se perderam” e “perderam a noção do valor poético, chegando a um primarismo desabonador” – fosse o caso, não estariam na antologia, muito menos em presença tão representativa e com tantos poemas de cada um ao lado dos companheiros de 1945 de Loanda. A contundência da crítica parece então recair sobre alguns daqueles que, ausentes da antologia, foram para a radicalidade dos “ismos”, fazendo com que os “ismos que são radicais” os tornassem componentes da “malograda geração”. Fora os que constam na recolha constituindo a geração realizada, algumas de suas ausências flagrantes, como óbvia e especialmente a de Oswald de Andrade, mas também, dentre outras, as de Menotti del Picchia, Raul Bopp e Guilherme de Almeida, teriam de ser igualmente pensadas.

A dubiedade da posição de Loanda em relação ao modernismo de 1922 evidencia-se em seu texto de abertura da *Antologia da moderna poesia brasileira* que não se quer um panorama interventivo da “nova”, mas da “moderna” poesia brasileira, quando, se diz que os poetas de 1945 são “sem qualquer compromisso com os modernistas”, “sem herança”, “livre da endêmica influência epistolar e fraternal de Mário de Andrade” (LOANDA, 1967, p. 9), termina-o afirmando que “Nada temos a polemizar nem a destruir. A [geração] que nos precedeu – Bandeira, Jorge de Lima, Cassiano, Cecília, Murilo, Drummond, Vinícius e outros – é digna do maior respeito, e o importante é estudá-la e divulgá-la” (LOANDA, 1967, p. 10). Merecedores de estudo e de divulgação, os que ali estão – isso é certo – não podem ter perdido “a noção do valor poético, chegando a um primarismo desabonador”.

Diferente de algumas posições do momento bem inicial do surgimento dos jovens poetas de 1945, com o passar dos anos, esse acirramento (o “processo”, a “batalha” ou a “vitória” contra o Modernismo, como já utilizado a partir de Domingos Carvalho da Silva) a partir de um espelhamento a contrapelo ou invertido com os modernistas passou a ser a tônica dominante. Na mesma antologia recém citada, o texto de Lêdo Ivo indica, já pelo título, sua motivação: “Epitáfio do Modernismo”. Em tal declaração de morte, o poeta afirma:

A geração de 45, exprimindo um novo estágio da inteligência e da capacidade de rebelião brasileira contra essa esplêndida impostura, documenta até que ponto o modernismo de 22 se convertera numa fortaleza do reacionarismo e da desatualização estética. E não deixa de ser estranho que alguns historiadores ou nostálgicos porta-vozes do modernismo ainda insistam em situar a geração de 45 como continuadora de 22. (*apud* LOANDA, 1967, p. 16)

Fazendo-se presente na antologia de 1967, tal posição já se quer de algum modo garantida no primeiro número da revista *Orfeu*. Na abertura de tal número, o fato de estarem “insatisfeitos com os que vieram antes” (*ORFEU*, 1947, p. 2) se torna evidente e desdobrável na compreensão do que, para eles, significa uma geração:

Uma geração só começa a existir no dia em que não acredita nos que a precederam, e só existe realmente no dia em que deixam de acreditar nela. O modernismo e o post-modernismo, que fixam o maior período de densidade, pesquisa e criação já atingidos no Brasil, comprovam hoje a existência de um novo movimento cultural, ainda incerto em sua significação e em seus objetivos. (*apud* *ORFEU*, 1947, p. 2)

Em texto de Péricles Eugênio da Silva Ramos também presente na *Antologia da moderna poesia brasileira*, intitulado “A geração de 1945”, o movimento de busca por uma diferenciação fundamental da respectiva geração em relação a anterior, hegemônica, ganha um novo aspecto: o da subsunção da geração que veio depois à de 45 a esta, com o único mérito de aquela, a mais recente, ter “apenas” sistematizado conquistas precedentes – e não realizado “coisas novas” nem “novos meios de expressão”:



Os movimentos posteriores – poesia concreta e poesia práxis – estão assim sob o mesmo signo da geração de 45 – o de considerar a poesia um artefato. [...] O concretismo e a poesia práxis, por seu lado, sistematizaram a aplicação de recursos já existentes, como o poema-figura, a palavra em liberdade, a destruição da sintaxe, a partição de palavras (já visível na tmesis clássica) tão utilizada por Cummings, a paronomásia, as reiterações de fonemas em aliterações, rimas e assonâncias internas, o que são coisas antiquíssimas, ou no mínimo processos do cubismo, do futurismo, etc. A novidade, no caso, está apenas na sistematização do uso desses processos e na intenção de fazer coisa nova. Na realidade, contudo, falar a propósito em novos meios de expressão, em poesia que revoga a ‘que existe por aí’, etc., é mero argumento publicitário. Tendo nascido à sombra da geração de 45 e tendo inicialmente adotado técnicas dessa geração, é de assinalar que a violenta recusa dos concretistas a propósito dos valores da geração anterior é simples meio de valorizar uma independência de que eles próprios, historicamente, só se podem gabar com o sacrifício da verdade. Embora a liberdade da pesquisa estética fosse princípio modernista, de fato o estudo dos fenômenos formais e a investigação dos ângulos técnicos da poesia só começaram intensamente, em São Paulo e no Brasil, com a geração de 45. (*apud* ORFEU, 1947, p. 21-22)

A leitura de que o concretismo e a poesia práxis teriam alardeado a criação de “novos meios de expressão” que revogariam a geração anterior como sendo “mero argumento publicitário” de seus poetas, encontra-se também, de maneira semelhante, na mesma passagem de “Ode para Walt Whitman ou Efraín Huerta” em que, em 1991, Fernando Ferreira de Loanda chama a sua de a geração malograda: “Os poetas da minha geração, a malograda,/ e os posteriores, os antolhados frívolos de glória,/ esqueceram-se de colocar a chave sob o tapete.” (LOANDA, 1991, p. 28). No caso tardio do poema de Loanda, ainda vem a dúvida acerca de quem, se é que alguém, entre os da geração de 22, a geração malograda de 1945 e a geração frívola de glória, estava certo em tal “algaravia louca” ou em tal “contínuo espetáculo de pantomimas” em que os poetas “somente gesticulam” (LOANDA, 1991, p. 28) em suas posições vanguardistas em seus momentos chamados heroicos: “Folheio os meus dias, num retorno ao imponderável, e indago:/ qual de todos, nesta algaravia louca, é o poeta?” (LOANDA, 1991, p. 28).

Havendo, dentre outros traços generalizantes, uma recusa a muito do que vinha do primeiro Modernismo e, algumas vezes, dos anos 1930, as características de 1945 que vêm sendo propaladas sinalizam uma retomada do formalismo, de uma imposição da forma, uma

reação esteticista, um antimodernismo, uma predileção por formas fixas, métricas e temas tradicionais ou convencionais, rimas, academicismo, epigonismo, carência de objetivos definidos, alheamento à vida, evasão da realidade, afastamento do popular, desprezo pelas relações políticas, disciplina intransigente, culto à nobreza da palavra, solenidade do tom, estilos elevados, artifícios retóricos, normatividades, conquistas canônicas, equilíbrio, apuro construtivo, universalismos, generalizações, abstrações, essencialidade, crença em elementos permanentes da linguagem, pureza e trans-historiedade da poesia, beleza sublime, eternidade, imutabilidade, metafísica, hermetismo, obscuridade, recortes neoclássicos, neoparnasianos e neossimbolistas etc.

Enquanto, com ou sem razão, os novos poetas discordavam então da incidência de alguns desses pontos sobre eles, haveria algo importante a ser valorizado pelos poetas de então, que o próprio Domingos Carvalho da Silva, não sem alguma dúvida, ressalta como “Esse interesse pela poesia estrangeira talvez traduza uma reação muito compreensível da geração de 45 ao regionalismo dos poetas modernistas de 22” (SILVA, 1966, p. 133). Para além da reação a 22, ao “processo” ou à “batalha” contra o Modernismo ou a suposta “vitória” (SILVA, 1948, p. 1) sobre ele, tal colocação acaba por ficar mais interessante, sobretudo, pela alteração que o significante “traduzir” irá receber, se a lermos, anacronicamente, depois de o “Movimento foi contraponto à Semana de 22”, de Mario Chamie, que chama a atenção para o fato de que, antes do concretismo (que, entretanto, provocou, como afirma Merquior, “sensível apuramento na *tradução* de poesia”) (MERQUIOR, 1990, p. 319), os poetas de 45

introduziram no Brasil a divulgação sistemática dos grandes nomes da poesia ocidental (dos gregos aos contemporâneos), sob o ofício disciplinado da tradução e do espírito "*up to date* da informação nova. Cabe a Péricles Eugênio, Dora Ferreira da Silva, José Paulo Paes, Jamil Almansur Haddad, Geír Campos, Oswaldino Marques e outros o mérito de terem posto em circulação autores que, hoje, são a referência "*cult* na formação dos jovens poetas. (CHAMIE, 1995, s/p)

Voltemos ao poema de Fernando Ferreira de Loanda:

KUALA LUMPUR

a Álvaro Mutis



Arrastado pela força que leva as aves a emigrarem, mudo e estático, quedava-se olhando os navios e os aviões que chegavam e partiam, dando-lhes uma procedência ou itinerários coralíneos.

De tanto se sonhar passageiro, húmus preterido, cicatriz de um desejo remoto, tripulante ou clandestino, cultivava a frustração, estrumando-a e regando-a, a segregar repetidamente o nome das cidades longínquas para onde os imaginava.

Envelheceu à sombra cauterizada da continuidade obsessiva, com o imponderável ponderável a fustigá-lo e, opiado, as mãos, surdir de gaivotas, já não vibravam, sibilar sibilino, quando nos falava de Kuala Lumpur, os cornos da lua.

Sabendo que jamais teria asas para voar, barbatanas para nadar, voltava todos os sábados, de tarde, ao ponto de observação, onde, subjogado, morria mais uma semana. Bêbado, esboçava mapas, definia reentrâncias e, sob o peso do malogro, levantava o copo e brindava: – Kuala Lumpur, Kuala Lumpur – como algo intocável, muito além das fronteiras da razão. E aos amigos falava de Antuérpia, Trinidad, Hong Kong e Port-Said com intimidade e cores tais, do clima e do comércio, das ruas e das mulheres, dos prostíbulos e dos entardeceres, que jamais alguém se mostrou incrédulo, marinheiros, marginais, marafonas. E se no grupo havia um poeta, categórico afirmava: – Poetas, não há poetas, há poemas.

Falam de sua morte, há dois meses não aparece; se se fanou, não o foi de todo, vive fragmentado, em cada um de nós, míseros e sedentários, adventícias firmes no solo, algemados a compromissos, ao supérfluo.

Não era humano: pássaro de asa quebrada, peixe retido no aquário, ou vegetal, quem sabe? (LOANDA, 1991, p. 19)

Com as evidentes dissoluções das fronteiras em “Kuala Lumpur”, sinalizo que Joelma Siqueira atentou para o fato de que, já em “Ode para Jack London”, publicado aos 23 anos do poeta, “prevalece o verso prosaico [...] sem que se deixe de observar certa depuração estilística”

(SIQUEIRA, 2023, s/p). A levar em conta o que tanto Joelma escreveu sobre um dos poemas mais importantes do poeta no momento da polêmica geracional quanto o que direi de “Kuala Lumpur”, é importante assegurar que, mesmo escrevendo odes, elegias e trenos, Loanda dista das fraturas de gêneros e de tons poéticos garantidas por um dos líderes da geração de 45 de São Paulo desejoso de uma excludente autenticidade não contraditória da poesia. Loanda também dista de qualquer batalha ou processo contra os modernistas de 1922 ou tentativa de vitória sobre eles. Parece-me evidente, ainda mais, que “Kuala Lumpur” se afasta da caricatura aglutinadora dos poetas de 1945, jamais levando alguém a supor, distintamente do que acontece com outros poetas da mesma geração, que o poema fora escrito tardiamente por um poeta que, quando jovem, fora um dos participantes mais ativos de um dos grupos de tais poetas.

Como em outros poemas do livro, os versos de “Kuala Lumpur” se estendem a ponto de, sem deixarem de ser versos, indiscernibilizarem-se de uma prosa altamente tensiva, tensionada pela indeterminação entre o verso, extensivo, e ela, contida. Entre os dois paradoxos de um verso amplamente estendido e de uma prosa altamente condensada, entre uma dose de continuidade e outra de fraturas, as fronteiras se diluem. As fraturas se dão pelo meio do texto e, ao fim de cada um de seus seis parágrafos alinhados por ambas as margens, estrofes ou versos expandidos (como chamá-los?), o espaçamento é aumentado. Se, de “Ode para Bartolomeu Dias”, Joelma Siqueira e sua orientanda Gabriella Vieira escreveram que “o ritmo dos versos livres sugere a fuga das coisas” (SIQUEIRA; VIEIRA, 2023, s/p), eu diria que, em “Kuala Lumpur”, o ritmo marca o andamento do encontro com o mais longínquo em sua fuga, fazendo com que o ritmo de Loanda se dê exatamente entre o distanciamento em fuga do que está próximo e a aproximação do mais distante em sua fuga.

Havendo igualmente, em *Kuala Lumpur*, poemas com versos curtos, há uma progressão concentradamente expansiva dos versos (ainda que não na sequência ordenadora dos poemas) que vão se ampliando na linha, repetidamente por mais de uma linha e até chegarem à importância limítrofe desse modo que se faz presente em “Kuala Lumpur”, mas também em “Ode para Emílio Salgari”, “Fábula” e “Do labirinto” (o segundo e o quarto, como o primeiro, também com seis estrofes, parágrafos ou versos alongados). Pelo título do livro e lugares estratégicos que muitos desses poemas, salvo “Do labirinto”, ocupam logo no início do livro, começando, já de maneira impressionante, com o lindíssimo “Memória”, essas progressivas explosões contidas ou progressivas contensões explosivas compõem certamente a singularidade do livro. Saliento que, se “Do labirinto” não está no começo do livro ao lado de seus pares e outros tão impressionante quanto eles, isso se dá por ele ter sido colocado



exatamente como o último poema do livro, de modo a criar uma memória do que, no começo, mais importa e uma circulação vinculadora do fim do livro ao seu início no que há de mais intenso.

Em “Kuala Lumpur”, a lonjura tem uma cidade, e outras não mais próximas, um nome próprio, e outros não mais habituais, ruas, comércios, cores e intimidades cuja incredulidade do leitor que cultiva a frustração de uma vida automatizada é arrastada pela força do poema que, com ele, nos leva a emigrar, adentrar essa distância, vivê-la, desde sua procedência, nos itinerários de seu percurso. “Itinerários”, friso, “coralíneos”, a marcarem tanto a sonoridade contrastiva de cada célula verbal e do conjunto do poema quanto o que, no sonho de passageiro viajante, entre aviões e navios, situa-se, inapreensível, mas com sua materialidade coralínea garantida abaixo dos navios pelos oceanos. Afasicamente perplexos, entre o incompreensível de aves, gaivotas, cobras e corais, em um ponto qualquer da terra sonhando o mar, o ar em suas alturas e o submerso, mas sem asas nem barbatanas, com asas quebradas ou retidos no aquário, tanto a pessoa de quem o poema fala (Álvaro Mutis, a quem o poema é dedicado?) quanto o leitor experimentam, pela prótese do poema, um devir-inumano-marítimo-coralíneo-aéreo-avicular-vegetal. No poema, é desde a terra que se escuta o mar e o ar sonhados em itinerários de devires horizontais a receberem influxos das verticalidades coralíneas do submerso e das altitudes do ar. São “os itinerários sonhados”, do poema “Memória” com que, grandiosamente, abre o livro (LOANDA, 1991, p. 17), os “itinerários” desenhados de “Da minha janela, num domingo” (LOANDA, 1991, p. 23) e “os itinerários que estão na palma da minha mão”, como escreveu, mais de quarenta anos antes, em “Ode para Jack London” (LOANDA, 1953, p. 17).

Expressões contrastivas com palavras que se opõem ou que provêm de campos distintos instabilizando o sentido, como, além dos “itinerários coralíneos”, “húmus preterido”, “cultiva(r) a frustração”, “sombra cauterizada”, “imponderável ponderável”, “cornos da lua”, “defini(r) reentrâncias”, “algemados a compromissos, ao supérfluo”; expressões inesperadas, como “surdir de gaivotas”, “segregar repetidamente o nome das cidades longínquas”, “morrer mais uma semana”; expressões aliterativas, como “sibilar sibilino”, “marinheiros, marginais, marafonas”. O que marafonas – bonecas de trapos, sem olhos, narizes e bocas, feitas sobre cruz de madeira – têm a ver com “marinheiros” e “marginais”, senão para compor o ritmo trissilábico e aliterativo dos significantes com a espessura contrastiva dos significados?

Sendo “ferida” uma palavra presente no livro desde a epígrafe de Octavio Paz (“Cosas y palabras se desangran por la misma herida”) (LOANDA, 1991, p. 9), e sabendo que, para Fernando Ferreira de Loanda, “Não basta a carga poética da palavra/ para realizar o poema,/ o

sangue terá que irrigar as suas artérias,/ as diminutas veias” (Idem, p. 39), eis um poema que estruma a ferida e irriga as mínimas artérias por onde sangram desejos remotos a exporem seus restos e rastros que acabam por ganhar possibilidades de cicatrizes incontornáveis. Um desses poemas que, uma vez lidos, nos causam a ilusória sensação – como uma espécie de *déjà-lu* – de ter estado entre nós bem antes de o lermos, tamanha a pertinência com a qual sua sintaxe, ritmo, imagens, palavras e possibilidades de sentidos atingem nossa intimidade e nossas feridas e artérias, “Kuala Lumpur” é um poema-cicatriz em que pulsa as “muitas fomes” (LOANDA, 1991, p. 28) e, como já se disse, a “ferida áfona” (DERRIDA, 2001, p. 115) da vida.

Graças à Joelma, começo a pagar minha dívida poética, impossível de ser paga, com o Loanda. Mas sei que muito do galo resta a ser pago. Sinalizei a importância da pesquisa da Joelma e de sua orientanda Gabriella, falei algo de minha amizade com o Loanda e de minha admiração por ele, assumi minha dívida poética, busquei algum tipo de compreensão de algumas questões concernentes à geração de 45, e li “Kuala Lumpur” de maneira enviesada, separando-o, por um anacronismo mais do que óbvio, dos paradigmas de 1945. Se trago “Kuala Lumpur” à tona, faltaria pensar outros poemas do livro homônimo e o Loanda dentro das discussões daquela época, os anos 1940, como o que a Joelma e a Gabriella vêm fazendo. Talvez eu tente fazer algo como isso nos próximos meses.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Luiz Guilherme Ribeiro. De postemas, impeachment e aporias: entrevista com Alberto Pucheu. In: *SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ. Seropédica/RJ*, v.2, n.4, jan./abril., 2017.
- CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes; da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2020
- CHAMIE, Mario. “Movimento foi contraponto à Semana de 22”. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, especial para a *Folha*, 4 de junho de 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais!32.html>>, acesso em 27/03/2023.
- COHN, Sergio. Entrevista com Alberto Pucheu. In: *A fronteira desguarnecida; antologia poética*. Lisboa: Oca Editorial, 2019.
- DERRIDA, Jacques. “Che cos’è la poesia?” (1992). Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar. In: *Revista Inimigo Rumor*, número 10, maio de 2001.
- DUEÑAS, Jorge Ruiz. “Celebración de la memoria”. Disponível em: <<https://diarioinca.com/poema-celebracion-de-la-memoria-xi-jorge-ruiz-duenas>>, acesso em 27/03/2023.
- LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista a Rodrigo De Souza Leão* (publicada originalmente em Abril de 2000, em CAOX, <http://www.pobox.com/~seomario>; PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida (poesia reunida 1993-2007)*. Rio de Janeiro: Azogue Editorial, 2007.



- LINS, Álvaro. “João Cabral de Melo Neto: primeiros sinais de um poeta original em sua geração”. In: *Os mortos de sobrecasaca; ensaios e estudos 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., s/d.
- LOANDA, Fernando Ferreira de; PINHEIRO, Fred. In: *Revista Orfeu*. Primavera de 1947, número 1.
- LOANDA, Fernando Ferreira de. “Ode a Jack London”. Rio de Janeiro: *Correio da manhã*, 04 de julho de 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/42247>, acesso em 27/03/2023.
- _____. “Auto-retrato de Fernando Ferreira de Loanda”. In: *A Cigarra*, setembro de 1950. p. 96 e 144. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003085&pagfis=47333>>, acesso em 27/03/2023.
- _____. *Equinócio*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1953.
- _____. *Do amor e mar*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1966.
- _____. *Antologia da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.
- _____. *Poemas de Fernando Ferreira de Loanda*. Luanda: Cadernos Lavra & Oficina, número 45, 1982.
- _____. *Oda a Bartolomé Dias y otros poemas*. México D.F.: Universidade Autónoma Metropolitana, 1984.
- _____. *Kuala Lumpur*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1991.
- _____. *La frontera vulnerable*. México D.F.: Universidade Autónoma Metropolitana, 1996.
- _____. *Signo da serpente*. Lisboa: Veja, 2000.
- _____. “Poema dos cinquenta anos”. In: *Revista Azougue*, número 08, 2003. p. 55. Antologia feita por mim e Sérgio Cohn, com participação do próprio Fernando Ferreira de Loanda.
- MERQUIOR, José Guilherme. “Comportamento da musa: a poesia desde 1922”. In: *Crítica 1964-1989*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. “Falência da poesia ou uma geração enganada e enganosa: os poetas de 45. *IN: A razão do poema*. São Paulo: É Realizações Editora, 2016.
- MONTEMAYOR, Carlos. “La poesia de Fernando Ferreira de Loanda”. *La Jornada Semanal*, 9 de julio del 2000. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2000/07/09/sem-montemayor.html>>, acesso em 27/03/2023.
- PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. In: *Platão 2; O julgamento e a morte de Sócrates (Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon) e O banquete*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Prefácio Alberto Pucheu.
- PUCHEU, Alberto. Entrevista a Rodrigo De Souza Leão (publicada originalmente em abril de 2000, em CAOX, <http://www.pobox.com/~seomario> e depois em PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida* (poesia reunida 1993-2007). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- _____. Poesia porrada; entrevista a Ronaldo Bressane (*Revista Trip*, em 15/03/2002, <https://revistatrip.uol.com.br/trip/poesia-porrada> e depois em PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida* (poesia reunida 1993-2007). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- _____. Entrevista para Poesia Viva em *Revista*, vol.2, 2005. In: PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida* (poesia reunida 1993-2007). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.



_____. *A fronteira desguarnecida*; poesia reunida 1993-2007. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

_____. De postemas, impeachment e aporias: Entrevista com Alberto Pucheu. In: *SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ*. Seropédica/RJ, v.2, n.4, jan./abri., 2017.

_____. Entrevista com Alberto Pucheu. In: *A fronteira desguarnecida*; antologia poética. Lisboa: Oca Editorial, 2019.

_____. Cavar o visível para alcançar o invisível. A poesia e a redescoberta do mundo sob nossos olhos. Entrevista especial com Alberto Pucheu. Por: Faustino Teixeira | Edição: Ricardo Machado | 30 Agosto 2022. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/621694-cavar-o-visivel-para-alcancar-o-invisivel-a-poesia-e-a-redescoberta-do-mundo-sob-nossos-olhos-entrevista-especial-com-alberto-pucheu>>, acesso em 27/03/2023.

SILVA, Domingos Carvalho. “A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia”. *Correio Paulistano*, 8 de maio de 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pagfis=37498>, acesso em 27/03/2023.

_____. *Eros & Orfeu*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado São Paulo (Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura), 1966.

SIQUEIRA, Joelma Santana. “Fernando Ferreira de Loanda, poeta da geração de 45”. Ensaio inédito cedido pela autora.

SIQUEIRA, Joelma Santana e VIEIRA, Gabriella Araújo Duarte Mello. “A poesia de Fernando Ferreira de Loanda – um diálogo com a poesia portuguesa”. Ensaio inédito cedido pelas autoras.

TEIXEIRA, Faustino. *Cavar o visível para alcançar o invisível. A poesia e a redescoberta do mundo sob nossos olhos. Entrevista especial com Alberto Pucheu*. Por: Faustino Teixeira | Edição: Ricardo Machado | 30 Agosto 2022. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/621694-cavar-o-visivel-para-alcancar-o-invisivel-a-poesia-e-a-redescoberta-do-mundo-sob-nossos-olhos-entrevista-especial-com-alberto-pucheu>>, acesso em 27/03/2023.